

ANTECEDENTES E REPERCUSSÃO INICIAL DA PUBLICAÇÃO DOS *FARÓIS* (1900), DE CRUZ E SOUSA

PREVIOUS FACTS AND NEWS CONCERNING *FARÓIS* (1900), BY CRUZ E SOUSA

ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR*

RESUMO: Analisam-se neste artigo notícias sobre as celebrações do segundo aniversário de morte de Cruz e Sousa e a repercussão imediata, na imprensa periódica, da publicação naquele mesmo ano (1900) dos *Faróis*, livro de poesia do mais conhecido simbolista brasileiro. Consideram-se especialmente reportagens publicadas nos jornais *A Imprensa* e *Cidade do Rio* e breves apreciações críticas de Artur Azevedo e Medeiros e Albuquerque, que se pronunciaram sobre os *Faróis*. Pretende-se, ao final, sugerir certa vinculação entre a posição ocupada pelos intelectuais no campo literário e o sentido das suas intervenções jornalísticas nos episódios em causa.

PALAVRAS-CHAVE: simbolismo, Cruz e Sousa, *Faróis*, crítica literária.

ABSTRACT: This article analyses news about the celebrations of the second anniversary of the death of Cruz e Sousa, as well as press articles about the publication of *Faróis* (1900), a poetry work by the Brazilian symbolist. It is especially considered reports published in the newspapers *A Imprensa* and *Cidade do Rio* and brief critical evaluations of Artur Azevedo and Medeiros e Albuquerque, who spoke about *Faróis*. The aim is to suggest a certain link between the position occupied by intellectuals in the literary field and the meaning of their journalistic interventions in the episodes in question.

KEYWORDS: symbolism, Cruz e Sousa, *Faróis*, literary criticism.

* Docente da da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP)

A publicação dos *Faróis*, segunda obra póstuma de Cruz e Sousa, viabilizou-se, assim como havia ocorrido com a primeira, *Evocações*, graças à venda antecipada dos exemplares. Responsabilizaram-se pela produção do livro Nestor Vitor, Gustavo Santiago e Oliveira Gomes, que entregaram os originais ao Instituto Profissional, escola de ensino profissionalizante voltada para menores carentes.

Antes de vir à luz o novo livro, organizaram-se no Rio de Janeiro celebrações do segundo aniversário de morte do poeta. A viúva mandaria celebrar missa em sua memória na igreja de S. Francisco de Paula.¹ Sobre o túmulo, Maurício Jubim, Tibúrcio de Freitas, Carlos D. Fernandes e Saturnino de Meireles colocariam uma coroa com louros e lírios brancos com os seguintes dizeres: “A Cruz e Sousa os seus irmãos de ideal”. Na noite do dia 19 de março de 1900, seriam celebradas duas sessões solenes em dois lugares diferentes: Associação Cristã de Moços e Liceu de Artes e Ofícios. Causa espécie que admiradores e discípulos do chamado Dante Negro não se tenham entendido para a realização de uma única homenagem a um poeta que todos julgavam mal compreendido e injustiçado.

Os *Faróis* difundiram suas luzes quatro meses após as celebrações do segundo aniversário da morte do seu autor. É provável que os promotores dos eventos pretendessem com eles estimular o interesse público pela obra de Cruz e Sousa. Analisam-se aqui, brevemente, as reações da imprensa carioca às homenagens e as primeiras apreciações críticas dos *Faróis*, publicados em circunstâncias aparentemente favoráveis à sua recepção pelos leitores.

Homenagens póstumas a Cruz e Sousa

A cerimônia da Associação, promovida pela revista literária *A Vida*, fora organizada por alguns dos mais fervorosos defensores da obra de Cruz e Sousa: Nestor Vitor, Teófilo Barbosa, Gustavo Santiago, Neto Machado e Oliveira Gomes. A Nestor Vitor o próprio Cruz e Sousa tinha encarregado de publicar sua obra póstuma. No ano de 1899, esse crítico tinha publicado alentado estudo sobre o poeta simbolista. A quem comparecesse à Associação Cristã de Moços seria entregue, em troca de contribuição livre, um exemplar de um opúsculo de Nestor

1 Esta e outras informações foram colhidas na imprensa contemporânea. Relacionam-se nas referências bibliográficas os textos consultados.

Vítor no qual se publicava poema em homenagem a Cruz e Sousa já divulgado na *Cidade do Rio* em 20 de abril de 1898. Transcrevem-se abaixo duas quadras do poema:

Ei-lo, enfim, que se foi, como um galé liberto
 Que vivera algemado em caverna infernal,
 Adivinhando com a alma um mundo que bem perto
 Sonoro se movia à luz de um sol jovial!

Anda, talvez, ainda a estas horas ouvindo
 A música etereal das primeiras Esferas,
 Cheio de embriaguez, preguiçoso dormindo,
 Respirando o olor de eternas primaveras! (VÍTOR, 20 abr. 1898, p. 1)

A homenagem do Liceu foi promovida por Carlos Dias Fernandes, Maurício Jubim, Félix Pacheco e Saturnino de Meireles. Presidiria aos trabalhos o jornalista Cunha e Costa, de *A Imprensa*, jornal que publicaria várias matérias sobre o evento. Para atrair o público, seria exposto retrato a pastel de Cruz e Sousa pintado por Maurício Jubim, mas o grande trunfo dos organizadores foi a presença na cerimônia da escritora espanhola Eva Canel, que já fizera, com sucesso, algumas conferências no Rio de Janeiro.

Cabe observar que Maurício Jubim, Carlos D. Fernandes, Saturnino de Meireles e Tibúrcio de Freitas, promotores do festival do Liceu de Artes e Ofícios, estiveram à frente da publicação das *Evocações*, enquanto Gustavo Santiago, Oliveira Gomes e Nestor Vítor, organizadores da cerimônia da Associação Cristã de Moços, se encarregaram da impressão dos *Faróis*.

No dia 19 de março de 1900, quando se completavam dois anos da morte de Cruz e Sousa, o matutino *O País* trouxe artigo de Frota Pessoa sobre a obra do poeta, que contaria com incondicionais “admiradores” e “negadores”. Das muitas reações desencontradas por ele provocadas, concluiu Frota Pessoa que, por certo, Cruz e Sousa não era “mediocre”. Admitiu que a incipiente “glorificação” então iniciada era devida aos que conviveram intimamente com o poeta e, no entanto, não eram “uns vesgos e uns *snoobs*”, que pretendessem impingir ao público versos de qualidade duvidosa. Valorizou o articulista o fato de que Cruz e Sousa teria justamente conseguido “impressionar um grupo de rapazes irre-

quietos e indóceis” mesmo sem poder contar com “o prestígio da posição e das aceitações oficiais” e mantendo-se afastado da “vida boêmia e fácil” (PESSOA, 19 mar. 1900, p. 1). Em outras palavras, o poeta dos *Broquéis* teria conseguido impor-se à atenção do público sem ter-se valido do apoio dos grupos influentes e sem amparar-se nos grupos marginalizados da boêmia artística. A partir do decadentismo-simbolismo francês, o poeta *maldito* podia contar com a simpatia de pelo menos parte do público.

Segundo Frota Pessoa, o propalado choque do poeta com o “meio hostil”, - a “caverna infernal”, segundo Nestor Vítor, - não resultaria das “perversidades” desse meio, mas das “extravagâncias de índole e temperamento do artista”, que não soubera conquistar “simpatias que outros facilmente angaria[va]m” e não teria aceitado fazer concessões (PESSOA, 19 mar. 1900, p. 1).

Em *Missal e Broquéis*, Cruz e Sousa teria optado por dizer em uma “linguagem obscura as coisas obscuras que lhe tumultuavam no cérebro”. Por sua vez, seus “adversários” se empenharam em desprestigiar a “harmonia encantadora” de seus versos, atribuindo-a, como aliás fizeram Artur Azevedo e Medeiros e Albuquerque, a “uma feliz e paciente combinação de palavras sem nexos”. Para Frota Pessoa, ainda assim haveria naqueles livros um “mérito extraordinário”, pois ninguém chegara àquele nível de “assombrosa manipulação” (PESSOA, 19 mar. 1900, p. 1).

Com o livro *Evocações*, as antigas críticas já não se sustentariam, pois já o compreendia e assimilava o “mais encascado plúmifício, como o proboscidiário² mais encasquetado”. Como resultado, já se verificariam, entre os antigos adversários, “conversões, silêncios significativos e grande moderação de juízos condenatórios”. Já se recolhia a pecha de “incompreensível” que se aplicara ao poeta. Com Cruz e Sousa, teria ocorrido o fato inusitado de que sua morte intensificara os debates em torno de sua obra. Previa, Frota Pessoa, que no futuro se concluiria que o poeta fora “dos que mais amaram a arte, porque tudo lhe sacrificou” (PESSOA, 19 mar. 1900, p. 1).

No entanto, a cobertura das homenagens póstumas revelaria ainda uma acentuada divergência de opiniões sobre Cruz e Sousa. O primeiro posicionamento ficou bem representado por nota anônima do jornal *A Imprensa*, dirigido por Rui Barbosa. Já o segundo se materializou em longo texto assinado por Claude,

2 Proboscidiário: pertencente à ordem dos mamíferos providos de tromba, como o elefante.

pseudônimo de Paulo Barreto, hoje mais conhecido por outro pseudônimo, João do Rio.

No jornal *A Imprensa*, iniciou-se o relato da cerimônia do Liceu de Artes e Ofícios com considerações elogiosas sobre a obra de Cruz e Sousa, que estaria despertando “geral interesse” em comprovação de seu “legítimo valor”, mas dividindo o público por suas peculiaridades: “A observação das suas obras ou convence os que as podem entender por afinidades recíprocas de modo de ver ou induz os que as não sentem à mais sistemática prevenção pelo desequilíbrio consequente da própria observação” (CRUZ 21 mar. 1900, p. 1).

Informou-se que a sessão do Liceu se iniciara às oito e meia da noite com “mais de 400 pessoas”. Cunha e Costa abriu os trabalhos proferindo “um floreado discurso” com que defendeu os méritos do homenageado e apresentou os oradores da noite. Na sequência, discursou Félix Pacheco representando Cruz e Sousa “como um serafim desolado, entre nimbo de afeto retalhados por sublimes relâmpagos de análise”. As observações críticas eram intercaladas com a leitura de trechos da obra de Cruz e Sousa. Ao concluir, Pacheco teria ficado “transfigurado, invocando com um verbo soluçante de angústia e de saudade o nome do artista morto” (CRUZ, 21 mar. 1900, p. 1).

Na sequência, Carlos D. Fernandes declamou o poema “Cruz e Sousa”, transcrito integralmente pelo jornal. No fragmento final do relato, tratou-se de Eva Canel, que teria revelado a capacidade de “criticar e entender obras de arte com um raro critério, servido pela mais poderosa erudição”. Após a conhecida escritora, tomou a palavra Colatino Barroso, que agradeceu a Eva Canel por sua colaboração. No encerramento, Cunha e Costa cumprimentou aos oradores e dirigiu-se particularmente a Eva Canel, “em frases tão repassadas de arrebatamento e delicadeza que a escritora espanhola ficou evidentemente comovida de admiração e agradecimento” (CRUZ, 21 mar. 1900, p. 1). Pelo relato de *A Imprensa*, podia-se concluir que o evento fora bem-sucedido, sem nenhum fato desabonador.

A Cidade do Rio publicou em 23 de março de 1900 a primeira parte de relato, assinado por Claude, da comemoração do segundo aniversário de morte de Cruz e Sousa no Liceu de Artes e Ofícios, à qual o *reporter* assistira na companhia de seu amigo André. A caminho, ambos encontraram jovem aspirante a escritor que tentara desviar André à comemoração da Associação

Cristã de Moços, alegando que a do Liceu não ocorreria. Claude e André, no entanto, estavam decididos a ir ao Liceu. O episódio, inventado ou não, servia apenas para evidenciar as divisões entre os adeptos do simbolismo. André, que se declarara amigo de Cruz e Sousa, descreveu para Claude com certa ironia, à porta de entrada do Liceu, à medida que se aproximavam do prédio, cada uma das importantes figuras da noite, as quais ele conhecia bem. Claude, por sua vez, caracterizou, também ironicamente, o aspecto do salão enfeitado e registrou a frase desapontada de um espectador: “Ora bolas! E a Eva Canel que não vem!”. Não era esse um registro casual, mas uma indicação sutil do que de fato atraía o público numeroso. Mencionando o presidente da sessão, Cunha e Costa, do jornal *A Imprensa*, Claude observou que ele portava um inusitado leque. A chegada de Eva Canel, ansiosamente aguardada, teria conturbado o ambiente e interrompido o primeiro orador da noite, Félix Pacheco (CLAUDE, 23 mar. 1900, p. 2-3).

Na segunda parte do relato, publicada em 24 de março de 1900, Claude, apesar de registrar elogios de André a Félix Pacheco, declarou ter ouvido deste orador apenas “chapas cediças dos conselheiros do Instituto [Histórico e Geográfico Brasileiro], fingindo erudição, ou incongruências exorbitantes, dignas de observação”. Segundo o *reporter*, Pacheco “embrenhou-se em coisas de que tinha muito vaga noção, atrapalhou-se” e demonstrou “pedantismo de conselheiro querendo passar por homem tão erudito que só fala condicionalmente”. André e Claude também escarneceram de comentários supostamente equivocados de Pacheco sobre o naturalismo (CLAUDE, 24 mar. 1900, p. 2).

Em 26 de março de 1900, publicou-se a terceira e última parte do relato da celebração do Liceu de Artes e Ofícios. Claude informou que Félix Pacheco concluíra seu discurso com declamação de poema de Baudelaire diante do retrato de Cruz e Sousa, o que desencadeara “uma prolongada salva de palmas, vibrante, longa, infinita”, a qual “rasgou de um jato o ar estático, exigiu de novo a sua presença no púlpito, e tudo aquilo tinha qualquer coisa de um bando de peregrinas a louvar do santo milagroso, que o salvou da chaga e da impureza” (CLAUDE, 26 mar. 1900, p. 3). Aos olhos críticos de Claude, era despropositado e incompreensível o entusiasmo do público.

O segundo a se apresentar na noite, Carlos Dias Fernandes, teria dito, sempre segundo Claude, “uns versos laudatórios nada extraordinários, comuns mesmo na voz noturna dos simbolistas de aquém e além-mar” (ibid., p. 3).

No início de seu discurso, Eva Canel declarou não pretender elogiar, mas apenas expressar seu juízo a respeito de Cruz e Sousa, a quem confessava não conhecer muito bem. Segundo Claude, a escritora espanhola teria traçado “com uma fina intuição psicológica o retrato do poeta falecido; fê-lo numa frase memorável, [...] um idiota, abrindo para os que o seguissem o manicômio da literatura pátria”. Não seriam essas as palavras de Canel, mas a interpretação pretensamente “imparcial” de Claude. O fim do discurso de Canel teria apressado o fim da própria sessão, como insinuou o relato: “[...] parte do povo arrastava cadeiras, galopava pelos corredores para espaiar, trocando opiniões, ou recolher a penates”. Claude dava assim a entender que o público comparecera apenas para ouvir a Eva Canel e pouco estava interessado em Cruz e Sousa e seus discípulos (ibid., p. 3).

Apesar da debandada, ainda haveria a intervenção de Colatino Barroso, a quem André e Claude ouviram do corredor. A despeito dessa atitude evidenciar pouco interesse pelo discurso, o *reporter* não se eximiu de resumir suas impressões a seu respeito: “[...] no fundo de todo aquele emaranhado de vocábulos, muitos dos quais extemporâneos, impossível era descobrir o que queria o orador, o que sentia o poeta, [...] qual era o fim de toda aquela trapalhada”. Segundo Claude, muitos no auditório conversavam durante a fala. Quando Barroso acabou, parte do público começou a sair sem esperar o encerramento da sessão, que seria conduzido por Cunha e Costa (ibid., p. 3).

Em virtude de apelos proferidos aos brados, várias pessoas voltaram, criando, no recinto, grande confusão. O discurso de encerramento de Cunha Costa, proferido em voz muito baixa, teria desagradado ao público. Ao elogiar os palestrantes, o presidente chamou Carlos Dias Fernandes de “garrafa de Leide”, aparelho capaz de armazenar energia elétrica, precursor das atuais baterias, o que se entendeu como “garrafa de leite”, causando hilaridade. Por seu final conturbado, a sessão não parecia ser uma homenagem póstuma:

A turba galopava pela corredor, despregava pela escada abaixo, terminava uma comemoração a um morto, grotescamente, às gargalhadas, abandalhava

o culto, numa exibição caricata de pretensiosos desejos de subir; de poetas indiferentes, de estrangeiros ignorantes da nossa arte e de terra nossa, a julgar, a decidir de individualidades de literatos vazios a vomitar frases, sem que lhes dessem importância. (ibid., p. 3)

No dia 20 de março de 1900, a *Gazeta de Notícias* registrou que Cunha e Costa, ao deixar o Liceu, teria sido “vaiado por um grupo de desocupados que o aguardavam na porta de saída” (CRUZ, 20 mar. 1900, p. 1). Apesar do jornal *A Imprensa* ter contestado a informação no dia seguinte (CRUZ, 21 mar. 1900, p. 1), humorista de *O Rio Nu* confirmou dias depois que, ao final da cerimônia, teriam ocorrido “assobios e gargalhadas”. Quando Cunha e Costa deixou o Liceu, teria sido colhido na rua por gritos de “garrafa de leite” e “faísca elétrica” (S., 24 mar. 1900, p. 1).

Na *Cidade do Rio*, Claude relatou que, à porta do Liceu, Colatino Barroso fizera ponderações sobre os “exageros” dos participantes e organizadores da cerimônia. Diante dessas alegações, Claude teria explodido em gargalhadas, as quais assim explicou a André: “Eu rio do Liceu, da comissão, daqueles senhores, da Eva, do escândalo do Dr. Cunha e Costa, do Sr. Colatino, do público, do pobre coitado do Cruz e Sousa, que está servindo para isso depois de morto, como serviu em vida, de ti, [...] de mim...” (CLAUDE, 26 mar. 1900, p. 3).

Representando uma das suas primeiras incursões no gênero que o consagraria, a sarcástica “reportagem” de Paulo Barreto, com recursos próprios da ficção como diálogos forjados, seleção e eclipse de episódios, caracterização expressiva de espaços e personagens etc., talvez tenha sido produzida com a intenção de desprestigiar um evento de que participaram Cunha e Costa e Carlos Dias Fernandes, redatores do jornal *A Imprensa*, dirigido por Rui Barbosa, velho desafeto de José do Patrocínio. Porém, o episódio revelava que as generosas tentativas de reabilitação de Cruz e Sousa e promoção de sua obra ainda enfrentavam duras resistências no limiar do século XX. Como resumira Frota Pessoa, os “incondicionais admiradores” tinham de enfrentar o combate incansável dos “negadores” empedernidos, muitos dos quais estavam encastelados na Academia Brasileira de Letras, que, em 1910, receberia de braços abertos a Paulo Barreto.

Primeiras apreciações críticas dos Faróis

Segundo livro póstumo de Cruz e Sousa, os *Faróis*, impressos na tipografia do Instituto Profissional, tornaram-se realidade graças aos esforços de Oliveira Gomes, Gustavo Santiago e Nestor Vítor. Financiados inicialmente por um sistema de subscrições, exemplares do livro já se encontravam à venda em 27 de julho de 1900.

Em fragmento de sua crônica hebdomadária em *O País*, Artur Azevedo, sob o conhecido pseudônimo de Elói, o Herói, ocupou-se brevemente dos *Faróis*, os quais, em sua opinião, continham “as peregrinas belezas, os arroubos da imaginação, a elegância da forma” que Cruz e Sousa pudera revelar “nos bons momentos em que não tinha a preocupação de uma escola extravagante”. A escola em questão, logo nomeada, é o “nefelibatismo” (HERÓI, 29 jul. 1900, p. 1), o qual, como se percebe, não contava com a simpatia ou o apoio do comediógrafo e, de modo geral, vinha sendo combatido pela imprensa. O emprego dessa designação iniciou-se, como se sabe, com o preâmbulo de *Horas* (1891), em que Eugênio de Castro referiu-se altivamente a si próprio como um “nefelibata”, mas esse termo passara a ser empregado pela imprensa portuguesa para qualificar sarcasticamente os supostos participantes de um movimento de renovação de poesia portuguesa. O adjetivo *nefelibata*, acompanhado do substantivo *nefelibatismo*, chega ao Brasil pela via da chacota e foi empregado pejorativamente na imprensa carioca para desqualificar os que, como Cruz e Sousa, ensaiavam inovações na literatura.

Antes de concluir, Artur Azevedo fez questão de mencionar os nomes de Nestor Vítor, Gustavo Santiago e Oliveira Gomes, que não teriam esquecido o amigo “no fundo de uma cova” (HERÓI, 29 jul. 1900, p. 1), empenhando-se no culto à sua memória. Atitudes generosas como essa sempre contaram com o apoio e o incentivo do consagrado comediógrafo.

Sob o conhecido pseudônimo de J. dos Santos, Medeiros e Albuquerque pronunciou-se sobre os *Faróis* em sua “Crônica literária”, seção hebdomadária do vespertino *A Notícia*, declarando, de início, ser “inútil” fazer a resenha do novo livro de Cruz e Sousa, pois esse autor já se encontrava bem ou mal julgado, conforme as convicções estéticas do leitor, pois suas obras eram alvo de escrutínio público havia muitos anos. O crítico apontou, no entanto, semelhança do novo livro com *Broquéis*, defendendo a superioridade desses dois livros de versos so-

bre os “de prosa”, isto é, *Missal* e *Evocações*. Versos e estrofes representariam limites e condicionamentos para a suposta verbosidade abundante do autor.

Segundo J. dos Santos, o poeta da ilha do Desterro sofria de obsessão com o ritmo dos versos, produzindo com eles uma “cadência de tantã”, o que, na opinião do *reviewer*, resultaria de desprezo pela significação das palavras. Crítica dessa natureza já havia sido por ele formulada em 1893, sob outro pseudônimo, por ocasião do lançamento dos *Broquéis*, dos quais valorizou a musicalidade quase espontânea, mas ponderando que essa qualidade era obtida às expensas do sentido das palavras:

Se as poesias parecem significar aqui e ali alguma coisa é que as palavras recusam-se a perder de todo o seu sentido. Mas as associações que elas formam são independentes da vontade do poeta. Ele o que quer é que elas soem bem ... (BOCÓ, 31 ag. 1893, p. 1)

Em *Faróis*, o poeta ter-se-ia libertado das amarras do soneto, forma fixa privilegiada nos *Broquéis*, mas isso não o teria beneficiado, pois, nos poemas mais extensos do novo livro, Cruz e Sousa se perdera em longas enumerações, reeditando um “vício” manifestado nos poemas em prosa do *Missal* e das *Evocações*. A esse respeito, citou particularmente o poema “Violões que choram” com suas trinta e seis quadras. O resultado seriam frases soltas sem ligação entre si e sem encadeamento lógico. Porém, J. dos Santos reconheceu, no livro como um todo, a beleza de estrofes e poemas isolados.

Nos *Faróis*, predominaria a “nota melancólica”, mas o “sensitivo” que era Cruz e Sousa não possuía capacidade de “ideação”: “As imagens acudiam-lhe em borbotões, incoerentemente, e ele não as sabia nem exprimir com justeza, nem ligar” (SANTOS, 27 ag. 1900, p. 3).

Encerrou-se a resenha com crítica ao suposto equívoco dos *novos* de então, que tomavam Cruz e Sousa como um “precursor” (*ibid.*, p. 3). No ano anterior, Medeiros e Albuquerque, ao resenhar as *Evocações*, - “livro bizarro, extravagante,” - as considerou um documento de valor justamente pelo fato de que, naquela altura, estaria seu autor “tendo por alguns momentos a admiração de um grupo de moços, alguns deles muito mais talentosos do que ele” (SANTOS, 8 abr. 1899, p. 2).

Uma “conversão” importante

Em 26 de setembro de 1900, ao final de resenha do *Livro do Centenário*, publicação comemorativa dos 400 anos de “Descobrimento”, Medeiros e Albuquerque abordou, sempre sob o seu conhecido pseudônimo de J. dos Santos, a monografia sobre literatura que constava do volume e trazia a assinatura de Sílvio Romero. Não julgou o resenhista que houvesse pessoa mais qualificada para o trabalho do que o consagrado historiador da literatura brasileira, mas ressaltou que seu novo texto confirmava sua costumeira parcialidade de “homem versátil e apaixonado” (SANTOS, 26 set. 1900, p. 3).

A propósito, declarou J. dos Santos ter o costume de ler os trabalhos de Romero com a curiosidade de verificar quem passava a desfrutar da honra de ser por ele considerado primeiro poeta ou primeiro romancista do Brasil. Dessa vez, Cruz e Sousa era considerado pelo crítico sergipano “o melhor poeta” que o Brasil produzira em 400 anos de história. Era, de fato, uma grande distinção obtida postumamente pelo poeta dos *Broquéis*, mas J. dos Santos relativizou as palavras de seu próprio mestre: “Quantos, antes dele, não chucharam um elogio daqueles? *Tout passe, tout casse, tout lasse...*” (ibid., p. 3). Tendo escrito resenhas restritivas sobre todas as obras simbolistas de Cruz e Sousa, Medeiros e Albuquerque não poderia aceitar passivamente as palavras consagradoras que ao poeta do Desterro destinava o temível acadêmico.

O texto escrito para o *Livro do Centenário* foi posteriormente recolhido no quinto volume da *História da literatura brasileira*, organizada por Nelson Romero em cinco volumes a partir de 1943 (terceira edição). O trecho mais enfático não era apenas um *elogio*, mas também um *desagravo*:

Ele é o caso único de um negro, um negro puro, verdadeiramente superior no desenvolvimento da cultura brasileira. [...] Sofreu os terríveis agores de sua posição de preto e de pobre, desprotegido e certamente desprezado. Mas a sua alma cândida e o seu peregrino talento deixaram sulco bem forte na poesia nacional. Morreu muito moço, em 1898, quase ao findar deste século, e nele acha-se o ponto culminante da lírica brasileira após quatrocentos anos de existência. Fazemos votos para que lhe sejam publicados os inéditos e lido e estudado este nobre e vigoroso artista. (ROMERO, 1954, v. 5, p. 1.824-5)

A propósito da “conversão” de Sílvio Romero, correu a versão de que, tendo Nestor Vítor se tornado seu vizinho, conversas casuais entre os dois versaram muitas vezes sobre o talento, a nobreza de caráter e as dificuldades cotidianas de Cruz e Sousa, que em sua vida no Rio de Janeiro lutara contra a pobreza e graves enfermidades em família. Movido pela piedade e pela leitura dos manuscritos inéditos do Dante Negro, condicionada pelas costumeiras conversas com Nestor Vítor,³ Romero teria vindo a retificar radicalmente o seu juízo crítico (cf. MAGALHÃES JR., 1971, p. 220 et seq.).

Conclusão

Os relatos jornalísticos das cerimônias em homenagem ao segundo aniversário de morte de Cruz e Sousa demonstraram que o poeta ainda inspirava fortes paixões e que o valor literário de sua obra ainda provocava acirradas divergências, expostas sem a desejável serenidade.

Na recepção inicial dos *Faróis*, Artur Azevedo e Medeiros e Albuquerque desempenharam os papéis de críticos tradicionais, que, como “autoridades”, produziam segundo o ponto de vista “oficial” o noticiário e a crônica literária de jornais e revistas (cf. BOURDIEU, 2004, p. 164-5). Ambos representavam a Academia Brasileira de Letras, de que eram fundadores, assim como parnasianos como Raimundo Correia, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac.

Artur Azevedo, sempre generoso, reconheceu a existência de “peregrinas belezas” em determinadas passagens dos *Faróis*, as quais não redimiram, do seu ponto de vista parnasiano, um livro ajustado às diretrizes do *nefelibatismo*, uma “escola extravagante”.

Provavelmente por equivocada concepção etnográfica típica do final do século XIX, Medeiros e Albuquerque atribuiu ao negro Cruz e Sousa certa inconsciência artística, pois produziria intuitivamente, com seus versos, uma “cadência de tantã” às expensas da significação das palavras. Obter-se-ia, assim, nos bons momentos,

3 No texto do *Livro do Centenário*, Romero reconhece sua dívida com Nestor Vítor: “Devemos à delicadeza do Sr. Nestor Vítor, grande amigo do poeta e que se encarregou de publicar-lhe as obras póstumas, a ventura de ler os manuscritos do ilustre morto, que nos é hoje plenamente conhecido” (ROMERO, 1954, v. 5, p. 1.823).

uma musicalidade quase espontânea, mas da qual resultariam imagens incoerentes e, às vezes, disparatadas.

Diante de pronunciamentos como os de Artur Azevedo e Medeiros e Albuquerque, a “conversão” de Sílvio Romero deve ter provocado verdadeiro escândalo entre os acadêmicos. Pelo reconhecimento tardio do mérito intrínseco da sua obra ou pela aura de poeta incompreendido e/ou injustiçado que Cruz e Sousa ia adquirindo graças inclusive aos amigos fiéis, cultivadores da sua memória, a mudança de posicionamento de Sílvio Romero rompeu um verdadeiro cerco “oficial” ao poeta simbolista brasileiro. Compreende-se, assim, a intervenção relativizadora do *reviewer* do vespertino *A Notícia*.

Referências

- A FAMÍLIA de Cruz e Sousa... *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.640, p. 1, 3. col., 17 mar. 1900.
- A REVISTA A Vida... *A Notícia*, Rio de Janeiro, n. 62, p. 2, 1.-2. col., 14 mar. 1900.
- BARROSO, Colatino. Um artista. *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.647, p. 2, 1.-3. col., 24 mar. 1900.
- BIBLIOGRAFIA. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, n. 702, p. 2, 6. col., 8 set. 1900.
- BOCÓ, João. Notas de João Bocó. *O Tempo*, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., p. 2, 1. col., 31 ag. 1893.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CLAUDE. A comemoração: Cruz e Sousa. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 69, p. 2, 5.-7. col, p. 3, 1. col., 23 mar. 1900.
- CLAUDE. A comemoração: Cruz e Sousa. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 70, p. 2, 1.-3. col., 24 mar. 1900.
- CLAUDE. A comemoração: Cruz e Sousa. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 71, p. 3, 2.-4. col., 26 mar. 1900.
- CRUZ e Sousa. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, n. 521, p. 1, 2. col., 12 mar. 1900.
- CRUZ e Sousa. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, n. 528, p. 1, 2.-3. col., 19 mar. 1900.
- CRUZ e Sousa. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, n. 529, p. 2, 1. col., 20 mar. 1900.
- CRUZ e Sousa. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, n. 530, p. 1, 5.-6. col., 21 mar. 1900.
- CRUZ e Sousa. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 65, p. 1, 4. col., 19 mar. 1900.
- CRUZ e Sousa. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 66, p. 2, 5. col., 20 mar. 1900.
- CRUZ e Sousa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 1, 6. col., 19 mar. 1900.
- CRUZ e Sousa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 79, p. 1, 5. col., 20 mar. 1900.
- CRUZ e Sousa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 2, 3. col., 19 mar. 1900.

- CRUZ e Sousa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 79, p. 1, 9. col., 20 mar. 1900.
- CRUZ e Sousa. *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.619, p. 1, 8. col., 24 fev. 1900.
- CRUZ e Sousa. *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.643, p. 1, 8. col., 20 mar. 1900.
- DIZ num folhetim... *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 45, p. 2, 1.-2. col., 14 fev. 1900.
- HERÓI, Elói o. A semana. *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.774, p. 1, 1.-2. col., 29 jul. 1900.
- LIVROS, revistas e folhetos. *A Notícia*, Rio de Janeiro, n. 76, p. 1, 5. col., 30 mar. 1900.
- MAGALHÃES JR., Raimundo. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. 2. ed. cor. e aum. Pref. de Paulo Rónai. São Paulo/Rio de Janeiro: LISA/INL/MEC, 1971.
- NA IGREJA de S. Francisco... *A Notícia*, Rio de Janeiro, n. 66, p. 2, 3. col., 19 mar. 1900.
- NÃO É possível! *A Imprensa*, Rio de Janeiro, n. 530, p. 1, 4. col., 21 mar. 1900.
- O SEGUNDO aniversário... *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.638, p. 1, 3. col., 15 mar. 1900.
- OS AMIGOS do malogrado poeta... *A Notícia*, Rio de Janeiro, n. 63, p. 2, 2.-3. col., 15 mar. 1900.
- PARA O GRANDE festival... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 2, 4. col., 19 mar. 1900.
- PESSOA, Frota. Cruz e Sousa. *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.642, p. 1, 1.-2. col., 19 mar. 1900.
- POR INICIATIVA dos conhecidos escritores... *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.762, p. 2, 4. col., 17 jul. 1900.
- PUBLICAÇÕES recebidas. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 178, p. 2, 3. col., 28 jul. 1900.
- PUBLICAÇÕES recebidas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, p. 113, 1. col., 19 ag. 1900.
- PUBLICAÇÕES. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 209, p. 1, 9. col., 28 jul. 1900.
- REALIZA-SE hoje... *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.642, p. 1, 3. col., 19 mar. 1900.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 5. ed. Org. e Pref. Nelson Romero. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. 5. (Documentos Brasileiros; 24-d).
- S. Na flauta. *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, n. 179, p. 1, 5. col., 24 mar. 1900.
- SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 2, rodapé, 8 abr. 1899.
- SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, n. 200, p. 3, no alto, 27 ag. 1900.
- SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, n. 226, p. 3, alto, 26 set. 1900.
- SAÚVAS. Formigueiro. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, n. 527, p. 2, 1. col., 18 mar. 1900.
- SERÁ amanhã exposto... *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.772, p. 1, 4. col., 27 jul. 1900.
- SOBRE O TÚMULO do poeta... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, n. 78, p. 2, 4. col., 19 mar. 1900.
- SOUSA, Cruz e. Violões que choram... *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.642, p. 1, 7. col., 19 mar. 1900.
- UMA COMISSÃO... *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 110, p. 1, 5. col., 20 abr. 1899.
- UMA COMISSÃO... *O País*, Rio de Janeiro, n. 5.635, p. 1, 4. col., 12 mar. 1900.
- VÃO ser brevemente entregues... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, n. 233, p. 2, 3. col., 22 ag. 1899.

VÁRIO, José. Domingueiras. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, n. 534, p. 1, 3. col., 25 mar. 1900.

VECCHIO, Alcide. As minhas notas. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, n. 178, p. 1, rodapé, 27 jun. 1900.

VÍTOR, Nestor. A Cruz e Sousa. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 173, p. 1, rodapé, 20 abr. 1898.